
Subsídio para o Estudo do Nosso Problema Bibliotecário e Arquivístico *

A. P. DE BETTENCOURT ATAÍDE

Biblioteca Nacional

O PROBLEMA das bibliotecas e arquivos em Portugal há muito que precisa de ser solucionado cabalmente, firmando-se a sua remodelação em sólidos princípios e em eficazes subsídios de estudo, a fim de ficar definitiva e integralmente resolvido. As bibliotecas e os arquivos são um órgão importantíssimo e, como vamos ver, fundamental para a Instrução Pública; por isso, devem ficar no seu legítimo lugar no sistema da educação nacional, como o exigem as ideias modernas.

Os poucos subsídios de trabalho para o problema, que existem entre nós, além de poucos, estão dispersos e tão disseminados por várias publicações e notas, que dificilmente se

tornam um utilizável elemento de estudo. A muito deficiente informação estatística bibliotecária, a pobreza franciscana dos nossos trabalhos biblioteconómicos e de arquivologia, a falta de obras de renome e o limitado número de publicações especiais de bibliotecas e arquivos, a carência absoluta de sociedades bibliotecárias que discutam estes assuntos, têm mergulhado essas instituições num certo nevoeiro de esquecimento e de quase insignificância, que, além de as ter tornado pouco interessantes para o público, as fizeram pouco apreciáveis aos governos. É preciso, pois, reunir um corpo de subsídios de estudo, de informações e notas sobre os vários assuntos versados entre nós, organizado por forma que torne o problema interessante e fácil a quem pretenda dedicar-se a ele.

* A. P. de Bettencourt ATAÍDE — «Bibliografia Portuguesa de Biblioteconomia e Arquivologia» in *Publicações da Biblioteca Nacional, I*. Compilação e prefácio de Fidelino Figueiredo. Lisboa, 1918, p. 58-81.

— O que tem sido e deve ser a organização bibliotecária e arquivística entre nós?...

- Qual o seu verdadeiro valor como instrumento de instrução e como factor de progresso nacional?...
- Quais os recursos de que dispomos e que poderemos aproveitar para resolver praticamente o nosso problema?...

[...] quaisquer que sejam as imperfeições deste trabalho, confiamos que prestará talvez a quem tenha de o consultar, apesar mesmo das suas lacunas, porque esta bibliografia representa o primeiro passo dado para se formar um *dossier* de estudo sobre todas as bibliotecas e arquivos de Portugal, e para a interessante avaliação da influência das ideias que têm predominado na sua organização.

[...]

A leitura das peças que constituem a presente bibliografia dará principalmente ao estudioso a impressão de uma notável penúria de trabalhos doutrinários, originais portugueses, sobre problemas bibliotecónicos e arquivísticos, o que mostra que estas instituições ainda não interessam suficientemente à intelectualidade portuguesa. Seria curioso indagar os motivos deste desinteresse para o qual muito concorre a ignorância do público, não só do valor, como riqueza, das nossas bibliotecas e arquivos, mas até como utilidade, e a culpa dessa ignorância é em grande parte devida ao abandono dos governos.

As bibliotecas têm sido para o nosso povo, que não gosta de ler o quer que seja de fradesco e de enfadonho, e mais um luxuoso complemento das instituições de ensino, do que uma necessidade espiritual, como na maioria dos países civilizados. Talvez o nosso ensino demasiadamente livresco tenha também concorrido para que as bibliotecas se tornem pouco atraentes a um público semi-letrado [...]

É infelizmente certo, como se confirma, pela apreciação dos dados bibliográficos que aqui colhemos, que o nosso problema bibliotecário nunca saiu de uma modesta rotina. São, por isso, muitíssimo raros os trabalhos portugueses que tenham esboçado um plano geral de reforma bibliotecária [...] Essas reformas têm geralmente obedecido a fins burocráticos. É justamente, como temos afirmado várias vezes, devido a esse caracter, mais de Secretaria de Estado, do que de instituição de Instrução, que as bibliotecas e arquivos portugueses não têm saído da sua acanhada esfera.

Pelo que respeita propriamente ao problema bibliotecário, o estudo dos nossos trabalhos nacionais bem mostra que ainda não o compreendemos bem, e não obstante já todos os países civilizados lhe prestam a devida atenção.

As bibliotecas são evidentemente mananciais de energia produtiva e o povo que está habituado a servir-se delas, enriquecendo constantemente

a força da inteligência, adquire esse dom criador de inventos e maravilhas que em toda a hora marcam o valor da sua civilização. É evidente que esses países que compreenderam assim o poder das bibliotecas como meios de cultura de toda uma nação, não se limitaram a organizá-las apenas para um restrito número de eruditos, mas fizeram delas um instituição prática, de larga acção, um maquinismo *sui generis*, cada vez mais perfeito, amplamente dotado para poder ser utilizado por todas as classes do país. Uma tal concepção do organismo bibliotecário e dos seus utilísimos fins, faz dele hoje uma coisa moderna — *um serviço de leitura pública*, tornado cada vez mais amplo e fácil, com as suas numerosas bibliotecas de empréstimo, fixas e circulantes. Verdadeiro instrumento da *instrução de toda a nação* é, por isso, aquele que mais solicitude lhe merece como seu factor principal. Valorizando toda a força intelectual de um país, que energias incalculáveis em aproveitar um maquinismo de tal natureza?!!

Continuando na apreciação dos dados que nos fornece a presente bibliografia, devemos notar também que, pela valiosa documentação histórica sobre as nossas bibliotecas científicas, se deduz que, embora pouco numerosas, elas são muito importantes. É urgente, pois, valorizar as suas riquezas, não somente pondo-as a par da ciência moderna, mas tornando-as conhecidas por

uma boa catalogação. Na reforma bibliotecária, actualmente em elaboração, fica consignada a uniformização da catalogação para todas as bibliotecas. Essa disposição, de largo alcance, facilitará a organização do *catálogo geral de toda a nossa riqueza bibliográfica*. Todos os investigadores poderão ter assim conhecimento das obras indispensáveis aos seus trabalhos, sabendo a biblioteca que as possui, e obtê-las para estudo, se for estabelecida a devida facilidade para o empréstimo inter-bibliotecário.

[...]

Em resumo, o nosso problema bibliotecário tem de realizar um organismo de acção nacional para lançar por todo o país uma dupla rede de bibliotecas eruditas e de bibliotecas de cultura popular. Para as bibliotecas científicas a Biblioteca Nacional, pela sua acção técnica, tem de representar entre nós o papel que nos Estados Unidos tem a Universidade de New York, unificando e dirigindo todo um sistema bibliotecário que nos ponha a par da ciência moderna. Para as bibliotecas de cultura popular a sua organização tem de ser muito especial, porque a falta absoluta entre nós de sociedades bibliotecárias, e a apatia do país demandam uma forte centralização, em que um conselho permanente de educação popular, com a Inspeção das Bibliotecas populares por meio de um órgão técnico, tenham entre nós uma acção semelhante ao Library Bureau da Associação dos

bibliotecários da América do Norte, promovendo a instalação e desenvolvimento das bibliotecas de cultura nacional.

Eis a situação do nosso problema, e, embora muito sucintamente exposta, demonstra que muito temos que fazer para que ele obtenha uma solução satisfatória.

Resta referir-nos ao problema dos arquivos, também largamente documentado na presente bibliografia. Os nossos arquivos contêm um tesouro de incalculável valor. Como se sabe, são um tabernáculo sagrado que encerra a alma imortal de todo o brilhante passado, de tudo o que confirma a glória da nossa nacionalidade épica. Do fundo desses arquivos, ainda quase misteriosos, por estarem por explorar... Aí está a história inteira de uma nobre nacionalidade, história que terá de refundir-se talvez no dia em que os nossos arquivos patenteiem toda a sua interessante verdade, toda essa vida messiânica e meteórica, por vezes trágica, de um povo que, pelas suas empresas, devia marcar um dos primeiros lugares na civilização universal. A falta de memórias que tanto auxiliam a compreensão do passado, como são frequentes em França, a maioria dos nossos historiadores tem moldado os seus trabalhos pelas Crônicas e pelas narrativas palacianas que, à força de repetidas através das idades, se tornaram provadas para o vulgo. Sem a continuação dos processos de Herculano, desen-

terrando materiais inéditos dos arquivos, faltam ainda à história nacional muitos subsídios valiosíssimos, interessantíssimas peças e factos novos, sepultados nesses montões de documentos que, conhecidos um dia, podem trazer conclusões novas aos problemas da história nacional. Quantas lendas desmentidas então, quantas verdades inesperadas não darão aos acontecimentos e aos vultos tradicionais uma fisionomia tão diferente da que nos foi até aqui desenhada pelos romancistas da História! Riquíssimos, como são os nossos arquivos, bem mereciam que uma radical remodelação os valorizassem, como instantaneamente têm reclamado os srs. Pedro de Azevedo e drs. Baião e António Ferrão, tornando esses arquivos o que devem ser: — o nosso melhor livro de estudo do passado, a Bíblia da Pátria que a nossa glória exige legível, por um direito sagrado para nós e para a história da civilização. O problema dos arquivos é, pois, tanto ou mais importante que o das bibliotecas e tem sido igualmente muito descuidado. [...]

É inegável, disse-nos ele, que a função e destino dos arquivos é muito diversa da das bibliotecas, embora tanto uns como outras sejam auxiliares de instrução. Os arquivos, além do seu fim especial — *fazer a história*, têm uma técnica diversa, porque são geralmente como que uma espécie de tesouros que é preciso desenterrar, que é preciso valo-

rizar, descobrindo, classificando e interpretando devidamente. Não só todas as reformas recaíram especialmente sobre quase um ponto único, o Arquivo da Torre do Tombo, sem atenção a um plano de acção nacional, um sistema que quadrasse ao destino dos arquivos que são não só *entesouradores*, mas *valorizadores* de toda a riqueza documental do país. Os governos procuraram tão somente fazer reformas burocráticas.

Não só há riquezas incalculáveis no Arquivo da Torre do Tombo, que é preciso valorizar, catalogando, mas também estão espalhados por todo o país arquivos preciosos e variados documentos avulsos, que é indispensável salvar da destruição iminente. É pois necessário criar uma *organização nacional* para os arquivos, formando uma rede, com um sistema fortemente apoiado em vistas lúcidas, sensatas e práticas. A centralização que demanda uma organização destas, não deve ir além dos serviços técnicos e administrativos, evitando, como até aqui, que pela deslocação de certos arquivos eles percam o seu alto valor regional. Formem-se os arquivos distritais que, segundo a opinião do distinto funcionário, não sómente recolheriam todos os preciosos documentos que estão em risco de perder-se por esse país fora, mas dominados por

preceitos técnicos, uniformes para todo o país, devem esses arquivos dotar-se de meios para *organizarem sob essas normas gerais*, não só todos os arquivos públicos da região mas até os arquivos particulares, cujos donos desejem esse benefício.

Apesar da nossa conversa ter demorado poucos minutos, deu-me a impressão de que em duas palavras ficará traçado um vasto plano. É o alto poder da síntese clara!

Quanto lucraria a nossa causa das bibliotecas e arquivos, que está longe de ser ainda bem compreendida, em ser exposta com a máxima clareza, de forma que se impuzesse como uma verdade, tão evidente que vencesse rotinas e convencesse os cépticos e os indiferentes? Quantas cousas boas se perdem, ou deixam de realizar-se, por não ficarem ditas por forma que se tornem logo compreendidas?...

A nossa riqueza documental não se contém apenas na Torre do Tombo, única visada nas várias reformas, está a desbaratar-se por todo o país, onde a gente ignorante considera a nobre papelada antiga, apenas aproveitável para embrulho. Quantos preciosos documentos estão já para sempre perdidos?... Não merece, pois, este problema uma solução tão radical e tão urgente como o problema bibliotecário?...